



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18063 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

MORTE E LUTO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS DE PROFESSORAS ITALIANAS

Hortência Barreto Mendes de Figueiredo - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Marlene Oliveira dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

MORTE E LUTO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS DE PROFESSORAS ITALIANAS

1 INTRODUÇÃO

Os temas da morte e do luto são frequentemente temas de pouca abordagem na Educação Infantil. Embora as vivências de morte e luto sejam parte integrante do ciclo de vida, eles tendem a não serem tratados no ambiente da escola. Existem muitas lacunas de estudos que envolvem esses temas dentro da área de educação. Sabe-se também que a abordagem desse tema envolve forte influência de questões culturais e que, por isso, influenciam na forma como esses temas são tratados nas escolas. Nessa perspectiva, este trabalho pretende apresentar os resultados parciais de uma dissertação de mestrado em andamento no qual pretende responder a seguinte pergunta: quais as repercussões dos temas morte e luto no currículo na Educação Infantil (EI) em uma escola de EI brasileira e outra italiana?

Assim, como objetivo geral indica analisar como os temas morte e luto repercutem no currículo da/na EI de uma escola de EI brasileira e outra italiana. Já como objetivos específicos pretende-se: (1) identificar se e como os temas da morte e do luto são tratados nas orientações e diretrizes que embasam o currículo

da EI; (2) identificar como esses temas estão presentes no cotidiano das crianças e das professoras da Educação Infantil; (3) discutir como os temas morte e luto podem repercutir no currículo na EI; No que tange à metodologia deste trabalho, optou-se por uma abordagem do tipo qualitativa (Silva, Barbosa, Kramer, 2008; Ludke, André, 2013), no qual a produção de dados se dará de forma diversificada. Para a escuta das narrativas das professoras, utilizaremos a entrevista semiestruturada. Serão realizadas entrevistas com professoras brasileiras e italianas que atuam na EI, em especial na docência com crianças de 4 a 6 anos nos seus respectivos países. No entanto, este trabalho vai apresentar dados das entrevistas realizadas com as professoras italianas, uma vez que as entrevistas com as professoras brasileiras ainda irão acontecer.

Por fim, este texto está dividido em 4 partes, um primeiro momento de introdução quando se faz uma breve apresentação do trabalho e da sua estrutura. Uma segunda seção com aspectos teóricos fundamentais, uma terceira parte no qual são apresentados os dados encontrados na pesquisa até o momento e por fim, uma seção com as considerações parciais.

2 MORTE, LUTO E A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERLOCUÇÕES POSSÍVEIS

Em nossa sociedade, por inúmeros motivos, a morte ainda é tratada como um tabu. Compreendemos e reconhecemos que a morte faz parte do ciclo de vida, imposta para todos, portanto passível para que seja abordada e discutida pela sociedade.

A partir do reconhecimento da morte enquanto parte do ciclo de vida, o tema deve ser discutido pela sociedade em seus diversos espaços não só em âmbito privado, mas também no público, inclusive o ambiente escolar. Para tanto, alguns autores (Kovács, 2021; Nucci, 2018) defendem a perspectiva de educação para morte para os profissionais da área. Segundo Kovács (2021, p.189),

A educação para a morte consiste em abrir-se para sentimentos em relação ao tema e ter disponibilidade para ouvir a experiência de familiares, pacientes e amigos. Cursos, palestras e atividades que permitam essa abertura são formas de preparo, favorecendo a

reflexão sobre atitudes diante da morte, no âmbito pessoal ou profissional. Essas ferramentas educacionais também podem levar a diminuição do temor diante da morte e permitir que alunos e profissionais se sintam instrumentalizados para enfrentar situações vinculadas à morte.

Assim, a autora indica caminhos e possibilidades que podem sensibilizar os profissionais de educação no trabalho com o tema da morte nas instituições escolares. A escola, ao reconhecer essa perspectiva, pode ofertar espaços para olhar, escutar e acolher a presença dos temas da morte e do luto como parte da vida e do seu cotidiano.

O adulto pode ter dificuldade no diálogo sobre a morte com a criança, pois envolve provocar sentimentos diversos e desconfortáveis para ele próprio. O reconhecimento em cada pessoa desses sentimentos gerados pelo contato do tema da morte com as crianças é um passo necessário para se pensar em alternativas que auxiliem a vivenciar os possíveis desafios.

Já a vivência do luto pela morte de alguém por ser uma experiência que provoca muitos sentimentos, imagina-se que a criança pode não possuir recursos disponíveis para esse enfrentamento. Nesse sentido, sentimentos variados e fantasias são comuns para adultos e crianças envolvidos no processo. É importante que eles estejam em diálogo.

Kovács (2010, p. 31) afirma que,

Há enormes diferenças entre as culturas a respeito de como, quando, e até mesmo se o luto deve ser expresso, sentido, comunicado, entendido. A perspectiva ocidental tende a valorizar a expressão emocional do luto, com implicações que desconsideram a cultura.

Essas considerações culturais influenciam diretamente na expressão, manejo e acolhimento do luto. Portanto, devem ser consideradas a cada análise e na compreensão da gestão da morte e do luto em instituições. Na instituição escolar defendemos que seja um local de apoio para as crianças que vivenciam situações de morte e luto, com condutas acolhedoras, sensíveis e referendadas pela cultura da comunidade, em respeito às crenças particulares de cada criança e sua família.

A escola pode oferecer não só um espaço para trazer conhecimento sobre a temática, mas também pode ser um local que possibilite reflexões e ressignificações.

Quando a instituição educativa atende crianças há uma complexidade maior, haja visto a compreensão muito comum das pessoas de que as crianças devem ser “poupadas” de informações sobre morte. Existe o temor de que essa informação possa causar dor e sofrimento (Kovács, 2010). A partir desse desconhecimento o tema muitas vezes é invisibilizado, ignorado e não se oferece oportunidade para ser trabalhado na instituição. A escola ao trabalhar com vidas, portanto, também está em contato com a morte, visto que ambas estão associadas (Naletto, 2005).

A escola enquanto parte da rede de apoio da criança tem um importante papel. A complexidade de discutir morte e luto, crianças e escola convoca-nos a adotar uma postura de flexibilidade e continuidade, pois novos desdobramentos da pesquisa são necessários para que o tema esteja atualizado. As concepções das crianças sobre a morte e o luto consideram seus contextos sociais micro e macro, a cultura da sua família, da comunidade e o resultado desses fatores em interação.

Sobre a instituição de Educação Infantil ela deve estar no lugar de “possibilitar o encontro de explicações pela criança sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem outras formas de sentir, pensar e solucionar problemas” (Oliveira, 2010, p. 5). O que amplia as possibilidades de trabalho na escola infantil com os temas que são propostos pela criança a partir das suas inquietações inclusive sobre a morte e o luto, se for o caso.

As escolas italianas de educação infantil embasam seu trabalho pedagógico a partir de diversas abordagens. Nesse caso, a escola onde se desenvolveu esta pesquisa utiliza-se da metodologia de trabalho pedagógico desenvolvido por Maria Montessori. Na proposta montessoriana de educação, observa-se o enfoque que é dado para a observação das crianças realizada pela professora e pelo favorecimento da autonomia infantil. Segundo Maria Montessori (2017, p.175): “Nossos objetivos educativos para a primeira infância consistem em ajudar o desenvolvimento, e não ministrar *cultura*”. Nesse sentido, Montessori contribui para uma mudança no olhar para a criança, pois sua concepção propõe de certa forma um olhar de aposta na capacidade da criança centralizando o trabalho nos interesses pessoais individualizados. As escolas de EI montessorianas tem como princípio a máxima confiança no interesse espontâneo da criança e no seu impulso

natural de conhecer e agir. Esse princípio implica mudanças no trabalho pedagógico desenvolvido na escola e na postura da professora em diversos temas, inclusive naqueles que envolvem a morte e o luto.

3 ANÁLISES INICIAIS

Nesta seção apresentaremos dados parciais encontrados no campo de pesquisa. Trata-se de uma análise inicial a partir da escuta de três professoras italianas utilizando-se da entrevista semi estruturada como recurso metodológico. Neste trabalho elas serão identificadas com a primeira letra de Educadora seguido de um respectivo numeral, sendo assim E1, E2 e E3.

As entrevistas iniciaram com a compreensão dos dados gerais das professoras a fim de aproximar-nos com os seus dados culturais, sociais e formativos. Todas eram do sexo feminino, de origem italiana, faixa etária etária entre 27 e 53 anos e de religião católica. As professoras possuem formação diversa, o que consequentemente neste caso, influenciam na forma como veem e abordam o tema da morte e do luto na sua experiência profissional. Duas delas possuem nível superior universitário, uma em pedagogia e outra em psicologia e a terceira possui formação em nível técnico secundário vinculado ao trabalho social e comunitário.

No que se refere à experiência profissional em situações envolvendo os temas da morte e do luto na escola de EI, apenas uma tinha tido a experiência de vivenciar situações envolvendo a morte. As outras duas professoras, embora não tenham relatos de exemplos profissionais no trato direto envolvendo o tema da morte com as crianças em especial situações em luto por morte, complementam a resposta negativa com a seguinte frase: “Então, tenho que me considerar uma sortuda” (E2, tradução nossa) ou então: “Felizmente, desde que trabalho com crianças, nunca houve morte de um dos pais (...)” (E3, tradução nossa). O uso de palavras como “sortuda” e “felizmente” por essas professoras indicam indiretamente que o trabalho com os temas da morte e do luto com crianças pequenas ainda pode ser um desafio profissional. Embora todas as professoras dissessem que não teriam dificuldades em falar desses temas com as crianças. E1 diz: “[...] não é um momento de dificuldade. [...] talvez porque eu já tenha passado por isso” (E1, tradução nossa).

As experiências pessoais podem atuar como algo que facilita o trato do tema no campo profissional como encontramos exemplificadas nas entrevistas, porém elas

também podem atuar como um empecilho. Isso vai depender da forma como foi vivenciada a experiência por cada pessoa ao longo da sua história pessoal.

Nas entrevistas também foi possível observar que, embora apenas uma das professoras tenha relatos de experiência para a vivência da morte junto a sua comunidade escolar, todas elas relataram que as crianças falam sobre esses temas no cotidiano, colocando muitas vezes o tema em evidência. Como foi dito por E3:

Sim, no sentido de que as crianças estão realmente muito abertas a esta discussão. Pode ter acontecido que ao falar dos avós nos dissessem que: Não, o meu avô morreu, já não está aqui, estava doente. Então eles realmente vivem isso com muita calma. [...] Acontece que eles falam sobre isso, mas ficam muito tranquilos. É algo que temos mais como uma consciência de tristeza quando crescemos, talvez. Porque para eles, talvez, ainda não seja um conceito compreendido. Ou é uma coisa muito natural. (E3, tradução nossa)

No decorrer das entrevistas todas as professoras trouxeram para a entrevista o significativo “verdade” na relação da professora com a criança nas situações que envolvem os temas da morte e do luto. Assim, elas compartilham a ideia que deve-se dizer a verdade à criança. E1 disse: “a estratégia da verdade é sempre fundamental e ganhadora” (tradução nossa).

Além disso, no trabalho pedagógico com as crianças particularidades da instituição quanto seu método ficaram evidenciados nos relatos das professoras, tendo em vista que elas trouxeram exemplos de trabalhos com ciclos de vida e natureza como uma possibilidade de discussão do tema do ciclo de vida, incluindo a morte, com as crianças. Uma das professoras disse ao ser questionada sobre a possibilidade do trabalho com os temas da morte e do luto no currículo:

Na minha opinião, por exemplo, falar sobre ciclos de vida é muito útil porque o que acontece na natureza também acontece conosco. Aqui, por exemplo, ano passado tínhamos uma incubadora com ovos de galinha e uma fazenda aqui levava para uma incubadora grande que dava calor e as crianças viravam os ovos todos os dias. Depois de vinte dias todos os filhotes nasceram. E aí no final do ano fomos na fazenda visitar essas galinhas agora que já cresceram, os pintinhos botaram ovos e fizemos macarrão com ovo. Eles não viram a morte, obviamente, nesse caso, mas pela ideia de algo nascer, nos perguntaram, mas então o que esses

pintinhos farão depois? E aí elas vão ser galinhas, vão para a fazenda, aí vão botar alguns ovos e aí vão envelhecer e morrer. (tradução nossa).

Nesse sentido os temas da morte e do luto são vistos dentro do currículo do trabalho nessa faixa etária de forma muito natural, como fica evidenciado também no relato da professora E1: “[...] Então acho que resumindo não há necessidade de falar de um tema específico nesse sentido. Acontece de certa forma... bom, quando e se acontecer, infelizmente acontecerá de forma natural” (E1, tradução nossa).

A defesa do trabalho com os temas da morte e do luto presente na proposta curricular no trabalho pedagógico com as crianças também é defendido por Santos e Figueiredo (2024, p. 77):

[...] temas da morte e do luto devem estar presentes na proposta pedagógica e curricular na Educação da Primeira Infância e que as crianças sejam ouvidas e acolhidas em suas experiências de morte e luto. Sentimentos vistos como negativos em nossa sociedade, como tristeza, raiva, revolta, entre outros, podem estar presentes nas crianças assim como nas reações das crianças à morte, mas o desafio surge e se intensifica quando as crianças têm que lidar com eles isoladamente. (tradução nossa)

Ou seja, o olhar volta-se ao acolhimento, escuta das crianças e das suas necessidades que podem ser expostas no ambiente escolar e ao serem escutadas pela professora podem tornar-se material importante para o trabalho pedagógico.

Nas entrevistas, as professoras tiveram experiências diferentes quanto à formação profissional para os temas da morte e do luto com crianças. Apenas uma delas, com formação em Psicologia, havia tido contato com o tema na universidade. A professora formada em Pedagogia não teve formação profissional sobre o tema e a professora com formação técnica lembrou que a instituição escolar no qual ela trabalhava ofereceu uma palestra para sua comunidade sobre o tema. A formação para os profissionais de educação para a abordagem do tema da morte é uma necessidade defendida por Kovacs (2021) no qual deve-se envolver amplos aspectos, como os de ordem cognitiva e emocional. A instituição escolar pode propiciar esse ambiente formativo para sua comunidade.

Desta forma, pode-se observar o lugar ocupado pela instituição na escolhas dos temas a serem abordados com sua comunidade em momentos formativos e de reflexão. A escola pode ser um espaço de apoio para a sua comunidade diante da vivência de um luto e pode oferecer apoio de forma local em colaboração com as famílias. No entanto, compreendendo que vivências de morte e de luto são processos que fazem parte do ciclo de vida e que também englobam o cotidiano da escola, o Estado também pode agir com políticas específicas. A professora E3 também reconheceu a capacitação ao comentar sobre o papel do Estado, como foi dito:

Formando os professores, porque se os professores estiverem preparados para falar sobre qualquer coisa, eles conseguem. Mas talvez, bem, eu tive a oportunidade de trabalhar aqui, onde certas coisas são feitas. Talvez essas coisas não sejam feitas em outras escolas, então você não tem chance de explicar. Então deveria haver mais formação para os professores, também sobre esses temas, sobre como transmitir essas coisas. As crianças passam oito horas por dia conosco, é muito. Nestas oito horas podemos dar o mundo ou nada. Daí a importância da formação, mas não só para chegar à graduação, uma formação contínua, sempre. (E3, tradução nossa)

Observamos nesse depoimento o reconhecimento da professora sobre o seu papel frente às crianças, vinculando a quantidade de horas do dia que as crianças passam na sua companhia. As suas escolhas, refletidas em seus atos junto às crianças, podem ou não acolher as vivências de morte e luto delas e de suas famílias.

Já uma outra entrevistada com formação em Psicologia vincula o papel do Estado com atendimentos individualizados de especialista. Cuidados especializados em alguns casos são necessários e nessas situações, a escola e as professoras podem estar atentas às crianças e suas famílias para quando for o caso fazer encaminhamentos a rede de suporte para especialistas, como o caso do psicólogo e/ou do médico psiquiatra. O olhar cuidadoso e atento da professora favorece a percepção de dificuldades no atravessamento do luto por parte das crianças e nesse sentido a escola pode ser mais uma vez uma importante rede de apoio para essas famílias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados desta pesquisa em andamento compreende-se a perspectiva de uma escola de educação infantil no qual os temas da morte e do luto podem ser abordados no ambiente escolar com as crianças, pois são temas também trazidos por elas para discussão naquele local. Para tanto, os espaços de formação de professores, a nível institucional e de forma ampliada pelo poder público, podem contemplar as lacunas existentes na formação inicial do educador trazendo essas temáticas para discussão. É importante que tenhamos na escola espaço para abordagem dos temas da morte e do luto uma vez que eles podem contemplar discussão curricular com as crianças, pois a morte faz parte do ciclo da vida e lidar de forma satisfatória com as perdas na infância pode influenciar de forma positiva em outros momentos de ressignificação vividos posteriormente.

REFERÊNCIAS

BIANCO, A. C. L.; COSTA-MOURA, F. Covid-19: Luto, Morte e a Sustentação do Laço Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, 11 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009.

SANTOS, M. O; FIGUEIREDO, H. B. M. Death and bereavement in Early Childhood. **Medical Humanities & Medicina Narrativa**, giugno 2024, p. 65-79.

KOVACS, M. J. A morte no contexto escolar: desafios na formação de educadores. In: FRANCO, M. H. P. (org). **Formação e Rompimento de vínculos o dilema das perdas na atualidade**. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2010, p. 145-168.

KOVACS, M. J. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. 1ª ed. Novo Hamburgo: Sinopsys editora, 2021.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em ação abordagens qualitativas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

OLIVEIRA, Z. M. R. O currículo na Educação Infantil: o que propõe as novas diretrizes nacionais? In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte. p.1-14.

MONTESORI, M. **A descoberta da criança**. 1ª ed. Campinas: Kirion, 2017.

NALETTO, A. L. Morte e Luto no contexto escolar. In: MAZORRA, L; TINOCO, V. (org). **Luto na Infância** Intervenções Psicológicas em Diferentes Contextos. 1ª ed. Campinas: Livro Pleno, 2005. p. 111-127.

NUCCI, N. A. G. Educar para a morte: cuidar da vida. In: FUKUMITSU, K. O (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2018. p.62-74.

SILVA, J. P.; BARBOSA, S. N. F; KRAMER, S. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala** a escuta de crianças em pesquisas. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.79-101.